

## CAPÍTULO 4

# Comunidades virtuais ou sociedade de rede?

A emergência da Internet como um novo meio de comunicação esteve associada a afirmações conflitantes sobre a ascensão de novos padrões de interação social. Por um lado, a formação de comunidades virtuais, baseadas sobretudo em comunicação on-line, foi interpretada como a culminação de um processo histórico de desvinculação entre localidade e sociabilidade na formação da comunidade: novos padrões, seletivos, de relações sociais substituem as formas de interação humana territorialmente limitadas. Por outro lado, críticos da Internet, e reportagens da mídia, por vezes baseando-se em estudos de pesquisadores acadêmicos, sustentam que a difusão da Internet está conduzindo ao isolamento social, a um colapso da comunicação social e da vida familiar, na medida em que indivíduos sem face praticam uma sociabilidade aleatória, abandonando ao mesmo tempo interações face a face em ambientes reais. Além disso, dedicou-se grande atenção a intercâmbios sociais baseados em identidades falsas e representação de papéis. Assim, a Internet foi acusada de induzir gradualmente as pessoas a viver suas fantasias on-line, fugindo do mundo real, numa cultura cada vez mais dominada pela realidade virtual.

Esse debate, bastante estéril, foi em grande parte prejudicado por três limitações. Em primeiro lugar, precedeu de muito à difusão generalizada da Internet, baseando suas afirmações na observação de um número reduzido de experiências entre usuários pioneiros da Internet — com isso, maximizou a distância social entre os usuários da Internet e o conjunto da sociedade. Em segundo lugar, desdobrou-se na ausência de um corpo substancial de pesquisa empírica confiável sobre os usos reais da Internet. E em terceiro, foi construído em torno de questões bastante simplistas e, em última análise, enganosas, como a oposição ideológica entre a comunidade local harmoniosa

de um passado idealizado e a existência alienada do “cidadão da Internet” solitário, associado com demasiada frequência, na imaginação popular, ao estereótipo do *nerd*.

Atualmente, essas limitações estão desaparecendo, e deveríamos ser capazes de avaliar os padrões de sociabilidade que advêm do uso da Internet, pelo menos em sociedades desenvolvidas, onde já há difusão maciça da Internet. Embora a pesquisa acadêmica nesse campo ainda não esteja à altura da importância do tópico, dispomos agora de dados e análises suficientes para formular nossa interpretação em bases menos instáveis que aquelas da futurologia e do jornalismo popular. Ainda assim, os tipos de questão que dominam o debate público continuam sendo expressos em dicotomias simplistas, ideológicas, que dificultam uma compreensão dos novos padrões de interação social. Por isso, avançarei com cautela na formulação da discussão apresentada neste capítulo, dissipando primeiro alguns erros comuns relativos ao comportamento social associado à comunicação na Internet, para depois tentar pôr ordem no que sabemos sobre a matéria, e por fim tentar interpretar esse conhecimento de modo a propor algumas hipóteses sobre os padrões de sociabilidade que estão emergindo em nossas sociedades. Ao fazê-lo, estarei me valendo dos esforços de vários estudiosos para sintetizar e interpretar os indícios disponíveis sobre a relação entre a Internet e a sociedade. De especial valor para a elaboração de minhas reflexões foram os estudos de Barry Wellman e seus colegas, o panorama dos estudos sobre comunidades virtuais de Steve Jones, e a notável revisão dos estudos sociais relacionados com a Internet escrita por Di Maggio, Hargittai, Neuman e Robinson. Outras fontes usadas e comentadas neste capítulo estão indicadas como Links de leitura no final do capítulo.

## A realidade social da virtualidade da Internet

Antes de mais nada, os usos da Internet são, esmagadoramente, instrumentais, e estreitamente ligados ao trabalho, à família e à vida cotidiana. O e-mail representa mais de 85% do uso da Internet, e a maior parte desse volume relaciona-se a objetivos de trabalho, a tarefas específicas e a manutenção de contato com a família e os amigos em tempo real

(Anderson e Tracey, 2001; Howard, Rainie e Jones, 2001; Tracey e Anderson, 2001). Embora as salas de chat, os *news groups* e as conferências para múltiplos fins fossem significativos para os primeiros usuários, sua importância quantitativa e qualitativa definiu com a propagação da Internet.

A Internet foi apropriada pela prática social, em toda a sua diversidade, embora essa apropriação tenha efeitos específicos sobre a própria prática social, como discutirei abaixo. **A representação de papéis e a construção de identidade como base da interação on-line representam uma proporção minúscula da sociabilidade baseada na Internet, e esse tipo de prática parece estar fortemente concentrado entre adolescentes.** De fato, são os adolescentes que estão no processo de descobrir sua identidade, de fazer experiências com ela, de descobrir quem realmente são ou gostariam de ser, oferecendo assim um fascinante campo de pesquisa para a compreensão da construção e da experimentação da identidade. No entanto, a proliferação de estudos sobre esse assunto distorceu a percepção pública da prática social da Internet, mostrando-a como o terreno privilegiado para as fantasias pessoais. O mais das vezes, ela não é isso. É uma extensão da vida como ela é, em todas as suas dimensões e sob todas as suas modalidades. Ademais, mesmo na representação de papéis e nas salas informais de chat, vidas reais (inclusive vidas reais on-line) parecem moldar a interação on-line. Assim, Sherry Turkle, a pioneira dos estudos de construção de identidade na Internet, conclui seu estudo clássico observando que “a noção do real resiste. **As pessoas que vivem vidas paralelas na tela são, não obstante, limitadas pelos desejos, a dor e a mortalidade de suas pessoas físicas.** As comunidades virtuais oferecem um novo contexto alegórico em que se pensar sobre a identidade humana na era da Internet” (Turkle, 1995, p.267). De maneira semelhante, Nancy Baym, estudando o comportamento de comunidades on-line com base em seu estudo etnográfico dos r.a.t.s (um *news group* que discutia telenovelas), declara que “a realidade parece ser que muitos, provavelmente a maioria, dos usuários sociais da comunicação mediada por computador criam personalidades on-line compatíveis com suas identidades off-line” (Baym, 1998, p.55). **Em suma, a representação de papéis é uma experiência social válida, mas não constitui uma proporção significativa da interação social na Internet hoje.**

Os primeiros estágios do uso da Internet, na década de 1980, foram anunciados como a chegada de uma nova era de comunicação livre e

realização pessoal nas comunidades virtuais formadas em torno da comunicação mediada pelo computador. Declarações como a de John Perry Barlow, cofundador da libertária Electronic Frontier Foundation, são representativas dessa tendência profética: “Estamos criando um espaço em que as pessoas do planeta possam ter [um novo] tipo de relação de comunicação: quero ser capaz de interagir plenamente com a consciência que está tentando se comunicar comigo” (Barlow, 1995, p.40). O influente livro de Howard Rheingold, *The Virtual Community* (1993) deu o tom do debate ao defender veementemente o nascimento de uma nova forma de comunidade, que reuniria as pessoas on-line em torno de valores e interesses compartilhados, criando laços de apoio e amizade que poderiam se estender também à interação face a face. Sociabilidade irrestrita era a promessa. E a experiência da WELL, uma comunidade virtual que surgiu na área da Baía de São Francisco em meados da década de 1980, com a participação de figuras-chave dos primórdios da cultura da Internet, como Stuart Brand, Larry Brilliant e Howard Rheingold, parecia corresponder ao modelo. No entanto, à medida que a Internet se difundiu para o conjunto da sociedade, seus efeitos sobre a sociabilidade tornaram-se consideravelmente menos espetaculares. Até a WELL experimentou considerável transformação ao longo dos anos, à medida que pressões de comercialização e trocas subsequentes de proprietário transformaram seu caráter e seus integrantes, como o documentou um estudo de Zhou (2000).

Contrariando alegações de que a Internet seria ou uma fonte de comunitarismo renovado ou uma causa de alienação do mundo real, a interação social na Internet não parece ter um efeito direto sobre a configuração da vida cotidiana em geral, exceto por adicionar interação on-line às relações sociais existentes. Assim, Karina Tracey, relatando um grande estudo longitudinal sobre usos domésticos da Internet no Reino Unido, realizado para a Telecom britânica (BT), não observa muita diferença entre usuários e não usuários da Internet em seu comportamento social e vida cotidiana, depois de introduzidos os controles adequados para variáveis sociais e demográficas (Tracey, 2000). Anderson et al. (1999), analisando os dados do mesmo estudo para BT constatam que a comunicação mediada por computador e a comunicação telefônica reforçam-se mutuamente, em particular no contato com amigos. Embora os usuários de computador tenham menor tendência a ter contato regular pessoa-a-pessoa com parentes do que

não usuários, os pesquisadores atribuem isso a diferenças de classe: como pessoas de status social mais elevado tendem a ter mais amigos, que são mais diversificados e moram a distâncias maiores, o e-mail é um bom instrumento para a manutenção dessa rede mais ampla de relações. Por outro lado, pessoas de classes sociais mais baixas tendem a ter mais contatos informais com parentes e amigos, sentindo por isso menos necessidade de se comunicar à distância.

Resumindo os achados de seu estudo, que incluiu 2.600 indivíduos em mil domicílios no Reino Unido, Anderson e Tracey (2001, p.16) concluíram que:

não há indícios, a partir destes dados, de que indivíduos que têm agora acesso à Internet em casa e o utilizam estejam gastando menos tempo assistindo televisão, lendo livros, ouvindo rádio ou envolvidos em atividade social na casa se comparados a indivíduos que não têm (ou não têm mais) acesso à Internet em casa. As únicas mudanças que podem ser associadas ao ganho de acesso à Internet são um aumento do tempo dedicado ao e-mail e ao surfe na web — um resultado espantosamente óbvio. A únicas mudanças que podem ser associadas à perda do acesso à Internet são o menor tempo gasto no preparo da comida, mudanças em circunstâncias educacionais e no emprego remunerado baseado em casa.

Nos EUA, Katz, Rice e Aspden (2001) analisaram a relação entre uso da Internet, envolvimento cívico e interação social com base em levantamentos aleatórios por telefone em âmbito nacional conduzidos em 1995, 1996, 1997 e 2000. Encontraram nível mais elevado ou igual de envolvimento comunitário e político entre usuários da Internet comparados a não usuários. Encontraram também uma associação positiva entre uso da Internet e frequência de telefonemas, além de um nível mais alto de interação social. Os usuários da Internet tendiam mais do que não usuários a se encontrar com amigos e a ter uma vida social longe de casa, embora suas redes de interação social fossem mais dispersas espacialmente que as dos não usuários. Tanto para usuários antigos quanto para recentes, a atividade on-line não tinha muito impacto sobre o tempo passado com a família e os amigos. Um décimo dos usuários da Internet tinham contato com os amigos on-line e eram ativos em comunidades on-line.

Constatações semelhantes são relatadas por Howard, Rainie e Jones (2001) com base num levantamento feito em 2000 com uma amostra nacional representativa, conduzido pelo Internet and American Life Project (2000) do

Pew Institute: o uso do e-mail aumenta a vida social com a família e os amigos, e amplia os contatos sociais gerais, após o controle de possíveis variáveis intervenientes que não o uso de e-mail. Um levantamento feito por Uslaner em 1999 (tal como citado por Di Maggio, Hargittai, Neuman e Robinson, 2001) mostrou que os usuários da Internet tendem a ter redes sociais maiores que os não usuários. Robert Putnam, em seu importante livro sobre o declínio do engajamento cívico nos Estados Unidos, *Bowling Alone*, afirma: “Sabemos também que os primeiros usuários da tecnologia da Internet não eram mais (e nem menos) civicamente engajados que quaisquer outras pessoas. Na altura de 1999 três estudos independentes (inclusive o meu próprio) haviam confirmado que, uma vez que controlamos o nível educacional mais alto dos usuários da Internet, eles são indistinguíveis de não usuários no que diz respeito a engajamento cívico” (Putnam, 2000, p.170).

Se alguma coisa pode ser dita, é que a Internet parece ter um efeito positivo sobre a interação social, e tende a aumentar a exposição a outras fontes de informação. Di Maggio, Hargittai, Neuman e Robinson (2001) relatam resultados de levantamentos de participação pública que mostram que usuários da Internet (após o controle das demais variáveis) frequentavam mais eventos de arte, liam mais literatura, viam mais filmes, assistiam mais esportes e praticavam mais esportes que não usuários. Um levantamento a partir de uma amostra de norte-americanos conduzido por uma equipe de pesquisa da Universidade da Califórnia-Los Angeles em outubro de 2000, verificou que dois terços dos 2.096 respondentes tinham estado on-line em algum momento no ano anterior. Desses, 75% declararam não sentir que eram ignorados por família ou amigos em consequência de sua atividade na Internet. Ao contrário, disseram que uso do e-mail e das salas de chat tinham tido um impacto moderadamente positivo em sua capacidade de fazer amigos e se comunicar com suas famílias (Cole et al., 2000).

Além disso, Barry Wellman e colegas mostraram, numa sequência de estudos feitos ao longo da meia década passada, um efeito cumulativo positivo entre intensidade do uso da Internet e densidade das relações sociais. Talvez os achados mais significativos sejam os relatados pela equipe de Wellman com base num levantamento feito com 40.000 usuários na América do Norte, conduzido através do website da National Geographic no outono de 1998. Eles constataram que o uso do e-mail contribuía para a interação face a face, por telefone e por carta, e não substituía outras formas de interação

social. O impacto positivo do e-mail sobre a sociabilidade foi mais importante na interação com amigos do que com parentes, e foi particularmente relevante para a manutenção de contato com amigos ou parentes distantes. Pessoas com maior nível de educação pareciam mais ansiosas para enviar e-mails a amigos distantes. Usuários jovens tendiam a mandar e-mails para amigos, ao passo que os mais velhos privilegiavam parentes em sua prática de e-mail. Esses padrões de sociabilidade eram similares para homens e mulheres.

Desenvolvendo essa perspectiva de pesquisa, Hampton e Wellman (2000) empreenderam um estudo exemplar em 1998-9 sobre o subúrbio mais “plugado” do Canadá. “Netville” é um subúrbio de Toronto que foi vendido como “a primeira comunidade residencial interativa”. Foi oferecida aos proprietários das cerca de 120 casas (de classe média baixa) conexão de banda larga em tempo integral com a Internet, gratuita, durante dois anos, em troca da concordância em ser estudado. Ao todo, 65% das famílias aceitaram o trato, o que tornou possível não somente sua observação como uma comparação com os moradores do mesmo subúrbio que não tinham conexão com a Internet. Constatou-se que os moradores de “Netville” que eram usuários da Internet tinham um número mais elevado de laços sociais fortes, de laços fracos, e de relações de conhecimento dentro do bairro e fora dele, do que os que não tinham conexão com a Internet. **O uso da Internet aumentava a sociabilidade tanto a distância quanto na comunidade local. As pessoas estavam mais a par das notícias locais pelo acesso ao sistema de e-mail da comunidade que servia como um instrumento de comunicação entre vizinhos.** O uso da Internet fortalecia relações sociais tanto à distância quanto num nível local para laços fortes e fracos, para fins instrumentais ou emocionais, bem como para a participação social na comunidade. De fato, no final do período da experiência, os usuários da Internet se mobilizaram para obter uma extensão de sua conexão, e usaram a lista de correspondência da comunidade para sua mobilização. Portanto, em geral, houve no experimento Netville um feedback positivo entre sociabilidade on-line e off-line, com o uso da Internet aumentando e mantendo laços sociais e envolvimento social para a maioria dos usuários. Patrice Riemens (comunicação pessoal, 2001) relata um experimento similar com uma “comunidade plugada” na Holanda, que também levou à mobilização dos usuários para pedir uma conexão de nível superior ao que o KPN, o provedor de serviços da Internet, estava em



condições de fornecer.

Há, no entanto, relatos conflitantes sobre os efeitos do uso da Internet sobre a sociabilidade. Nos EUA, dois estudos costumam ser citados como prova do efeito isolador da Internet: um levantamento on-line da Universidade Stanford junto a 4.000 usuários realizado por Nie e Erdring (2000), e o extremamente difundido estudo de Pittsburgh, levado a efeito por Kraut et al. (1998). Nie e Erdring observaram um padrão de interação pessoa-a-pessoa declinante e perda de envolvimento social entre usuários pesados da Internet, ao mesmo tempo em que relataram que, para a maioria dos usuários, não houve mudança significativa em suas vidas. Kraut et al. (1998), num estudo cuidadosamente planejado de uma amostra de 169 famílias durante os dois primeiros anos de sua experiência com comunicação mediada por computador, verificaram que o maior uso da Internet estava associado a um declínio na comunicação dos participantes com os membros de sua família em casa, um declínio no tamanho de seu círculo social e um agravamento de sua depressão e solidão.

Pesquisadores tentaram interpretar esses estudos, em acentuado contraste com a maior parte dos indícios disponíveis, sem questionar a qualidade dos estudos em si mesmos, que tiveram origem em instituições acadêmicas altamente respeitadas (Universidades Stanford e Carnegie Mellon). No caso do estudo de Pittsburgh, um fator importante parece ter sido o fato de que aquelas famílias estavam usando a Internet pela primeira vez: na verdade, foram os pesquisadores que lhes forneceram computadores com o objetivo de observar seu comportamento. Di Maggio, Hargittai, Neuman e Robinson (2001) observam que, com base num estudo conduzido por Neuman e colegas em 1996, usuários novíços da Internet tendem a experimentar altos níveis de frustração com um meio que não dominaram realmente e que exige um esforço de sua parte para romper com seus hábitos. Assim, alguns dos efeitos observados por Kraut et al. (1998) podem ter estado ligados à inexperiência no uso da Internet, e não ao seu uso propriamente dito. De fato, segundo o estudo conduzido por Katz, Rice e Aspden (2001) sobre os resultados dos levantamentos nacionais por telefone, em 1995 usuários da Internet relataram uma sensação de sobrecarga, estresse e insatisfação com suas vidas em maior proporção que não usuários. No entanto, em 2000, embora ainda sentindo a “sobrecarga da vida” em maior proporção que não usuários, os usuários da Internet relataram maior satisfação e interação social



mais intensa com família e amigos do que não usuários, controladas as demais variáveis. É possível, portanto, que a inserção da Internet na prática da vida e a familiaridade com o meio favoreçam a adaptação ao novo ambiente tecnológico, eliminando reações iniciais negativas que se produzem durante o período de introdução da Internet numa população não iniciada ao computador.

No caso do levantamento de Nie e Erdring (2000), a perda de sociabilidade relatada dizia respeito apenas aos usuários mais assíduos da Internet, o que poderia indicar a existência de um limiar de uso da Internet acima do qual a interação on-line sacrifica a sociabilidade off-line. Isso pode ser mais bem-compreendido a partir de um outro estudo relatado por Di Maggio, Hargittai, Neuman e Robinson (2001), segundo o qual, embora os usuários da Internet não mostrem sociabilidade declinante, após certo limiar de atividade on-line eles de fato substituem outras atividades, como os serviços domésticos, o cuidado da família ou o sono, pelo uso da Internet.

Portanto, de modo geral, o corpo de dados não sustenta a tese de que o uso da Internet leva a menor interação social e maior isolamento social. Há alguns indícios, porém, de que, sob certas circunstâncias, o uso da Internet pode servir como um substituto para outras atividades sociais. Como os estudos que sustentam teses alternativas foram realizados em diferentes momentos, em diferentes contextos e em diferentes estágios da difusão do uso da Internet, é difícil chegar a uma conclusão definitiva sobre os efeitos da Internet sobre a sociabilidade. É possível, porém, que o verdadeiro problema seja saber se o tipo correto de pergunta está sendo formulado. Essa é, de fato, a posição de alguns dos mais eminentes pesquisadores nesse campo de estudo, como Wellman, Haythornthwaite, Putnam, Jones, Di Maggio, Hargittai, Neuman, Robinson, Kiesler, Anderson, Tracey e outros. Especificamente, que o estudo da sociabilidade na/sobre/com a Internet deve ser situado no contexto da transformação dos padrões de sociabilidade em nossa sociedade. Isso não significa menosprezar a importância do meio tecnológico, mas inserir seus efeitos específicos na evolução geral de padrões de interação social e em sua relação com os suportes materiais dessa interação: espaço, organizações e tecnologias da comunicação.

## Comunidades, redes e a transformação da sociabilidade

A noção de “comunidades virtuais”, proposta pelos pioneiros da interação social na Internet, tinha uma grande virtude: chamava a atenção para o surgimento de novos suportes tecnológicos para a sociabilidade, diferentes de formas anteriores de interação, mas não necessariamente inferiores a elas. Mas induziu também a um grande equívoco: o termo “comunidade”, com todas as suas fortes conotações, confundiu formas diferentes de relação social e estimulou discussão ideológica entre aqueles nostálgicos da antiga comunidade, espacialmente limitada, e os defensores entusiásticos da comunidade de escolha possibilitada pela Internet. De fato, para sociólogos urbanos, essa é uma discussão muito velha, que reproduz debates anteriores entre os que viam o processo de urbanização como o desaparecimento de formas significativas de vida comunitária, para serem substituídas por laços seletivos e mais fracos entre famílias espalhadas na metrópole anônima, e os que identificavam a cidade com a libertação das pessoas de formas tradicionais de controle social.

É extremamente duvidoso que essas comunidades culturalmente homogêneas e espacialmente limitadas jamais tenham existido, como sustenta Oscar Lewis em sua crítica devastadora à obra clássica de Robert Redfield sobre a aldeia mexicana de Tepoztlan (hoje um elegante local de férias para elites cosmopolitas), que foi a pedra angular da concepção antropológica da comunidade como uma sociedade tradicional (*folk society*)<sup>a</sup>. No entanto, a sociabilidade baseada no lugar foi de fato uma fonte importante de apoio e interação social, tanto em sociedades agrícolas quanto nos primeiros estágios da era industrial — com a ressalva adicional de que essa sociabilidade era fundada não só em vizinhanças, mas em locais de trabalho. Essa forma de comunidade territorialmente definida não desapareceu do mundo em geral, mas certamente desempenha papel pequeno na estruturação de relações sociais para a maioria da população em sociedades desenvolvidas, como estudos de Fischer (1982), entre outros, mostraram muitos anos atrás. Ademais, com base em minhas próprias observações de “invasões” na América Latina, bem com em outros estudos, a proximidade geográfica perdeu sua preeminência na configuração de relações sociais em muitas dessas áreas afligidas pela pobreza há pelo menos vinte anos (Castells, 1983;

Espinoza, 1999; Perlman, 2001).

O desaparecimento da comunidade residencial como forma significativa de sociabilidade parece não ter relação com os padrões de povoamento da população. Claude Fischer (2001) mostrou que na terra da mobilidade geográfica, os Estados Unidos, a mobilidade residencial na verdade decresceu entre 1950 e 1999. Assim, as pessoas não formam seus laços significativos em sociedades locais, não por não terem raízes espaciais, mas por selecionarem suas relações com base em afinidades. Além disso, padrões espaciais não tendem a ter um efeito importante sobre a sociabilidade. Vários estudos feitos por sociólogos urbanos (entre os quais Suzanne Keller, Barry Wellman e Claude Fischer) mostraram, anos atrás, que redes substituem lugares como suportes da sociabilidade nos bairros e nas cidades.

Isso não quer dizer, contudo, que a sociabilidade baseada em lugar não exista mais. **As sociedades não evoluem rumo a um padrão uniforme de relações sociais.** De fato, é a crescente diversidade dos padrões de sociabilidade que constitui a especificidade da evolução social em nossas sociedades. Comunidades imigrantes na América do Norte e na Europa continuam a se basear fortemente em interação baseada em lugar (Waldinger, 2001). Mas é a condição de imigrante, e a concentração espacial de pessoas com essa condição em certas áreas, que determina o padrão de sociabilidade, e não a mera contiguidade espacial numa localidade. O decisivo, portanto, é a passagem da limitação espacial como fonte da sociabilidade para a comunidade espacial como expressão da organização social.

**Talvez o passo analítico necessário para se compreender as novas formas de interação social na era da Internet seja tomar por base uma redefinição de comunidade, dando menos ênfase a seu componente cultural, dando mais ênfase a seu papel de apoio a indivíduos e famílias, e desvinculando sua existência social de um tipo único de suporte material.** Assim, uma definição operacional útil a esse respeito é aquela proposta por Barry Wellman: “Comunidades são redes de laços interpessoais que proporcionam sociabilidade, apoio, informação, um senso de integração e identidade social” (2001, p.1). Naturalmente, a questão decisiva aqui é o deslocamento da comunidade para a rede como a forma central de organizar a interação. As comunidades, ao menos na tradição da pesquisa sociológica, baseavam-se no compartilhamento de valores e organização social. As redes são montadas pelas escolhas e estratégias de atores sociais, sejam indivíduos, famílias ou

grupos sociais. Dessa forma, a grande transformação da sociabilidade em sociedades complexas ocorreu com a substituição de comunidades espaciais por redes como formas fundamentais de sociabilidade. Isso é verdadeiro no que diz respeito às nossas amizades, mas é ainda mais verdadeiro no tocante a laços de parentesco, à medida que a família extensa encolheu e novos meios de comunicação tornaram possível manter contato à distância com um pequeno número de familiares. Assim, o padrão de sociabilidade evoluiu rumo a um cerne de sociabilidade construído em torno da família nuclear em casa, a partir de onde redes de laços seletivos são formadas segundo os interesses e valores da cada membro da família.

Segundo Wellman e Giulia (1999), no contexto norte-americano as pessoas têm mais de mil laços interpessoais, dos quais só meia dúzia são íntimos, e menos de 50 significativamente fortes. A família nuclear desempenha realmente um papel fundamental na construção desses laços íntimos, mas o lugar de residência não o faz. Em média, os norte-americanos só sabem da existência de 12 vizinhos, mas apenas um deles representa um laço importante. Situações de trabalho, por outro lado, conservaram um papel importante na construção da sociabilidade, segundo as observações de Arlene Hochschild (1997). Contudo, a composição do núcleo íntimo de sociabilidade parece ser uma função tanto dos poucos laços remanescentes da família nuclear quanto de amizades extremamente seletivas, em que a distância é um fator, mas não um fator decisivo. No entanto, o fato de a maior parte dos laços mantidos pelas pessoas ser de “laços fracos” não significa que são desprezíveis. São fontes de informação, de trabalho, de desempenho, de comunicação, de envolvimento cívico e de divertimento. Aqui, mais uma vez, esses laços fracos são em sua maioria independentes de proximidade espacial e precisam ser mediados por algum meio de comunicação. A história social do telefone nos EUA, de Claude Fischer (1992), mostrou como o telefone reforçou padrões preexistentes de sociabilidade, sendo usado pelas pessoas para se manter em contato com parentes e amigos, bem como com aqueles vizinhos com quem já tinham travado conhecimento. E Anderson e Tracey (2001), Tracy e Anderson (2001) e Anderson et al. (1999), em seus estudos sobre o uso da Internet em famílias no Reino Unido, enfatizam o modo como as pessoas adaptam a Internet às suas vidas, em vez de transformar seu comportamento sob o “impacto” da tecnologia.

Ora, a tendência dominante na evolução das relações sociais em nossas

sociedades é ascensão do individualismo, sob todas as suas manifestações. Isso não é uma tendência meramente cultural. Ou antes, é cultural no sentido da cultura material; isto é, um sistema de valores e crenças que informa o comportamento, que é enraizado nas condições materiais de trabalho e subsistência em nossas sociedades. A partir de perspectivas muito diferentes, cientistas sociais como Giddens, Putnam, Wellman, Beck, Carnoy e eu mesmo enfatizamos o surgimento de um novo sistema de relações sociais centrado no indivíduo. Após a transição da predominância de relações primárias (corporificadas em famílias e comunidades) para a de relações secundárias (corporificada em associações), o novo padrão dominante parece fundar-se no que poderíamos chamar de relações terciárias, ou no que Wellman chama de “comunidades personalizadas”, corporificadas em redes egocentradas. Representa a privatização da sociabilidade. Essa relação individualizada com a sociedade é um padrão de sociabilidade específico, não um atributo psicológico. Enraíza-se, em primeiro lugar, na individualização da relação entre capital e trabalho, entre trabalhadores e o processo de trabalho, na empresa de rede. É induzida pela crise do patriarcalismo e a subsequente desintegração da família nuclear tradicional, tal como constituída no final do século XIX. É sustentada (*mas não produzida*) pelos novos padrões de urbanização, à medida que subúrbios e condomínios de luxo ainda mais afastados proliferam, e a desvinculação entre função e significado nos microlugares das megacidades individualiza e fragmenta o contexto espacial de existência. E é racionalizada pela crise de legitimidade política, à medida que a crescente distância entre os cidadãos e o Estado enfatiza o mecanismo de representação e estimula a saída do indivíduo da esfera pública. O novo padrão de sociabilidade em nossas sociedades é caracterizado pelo individualismo em rede.

## A Internet como o suporte material para o individualismo em rede

Assim sendo, que papel desempenham as possibilidades (e as limitações) da Internet nesse contexto? Dados disponíveis, particularmente dos estudos realizados por Barry Wellman e colegas, e pelo Internet and American Life

Project (2000) do Pew Institute, parecem indicar que a Internet é eficaz na manutenção de laços fracos, que de outra forma seriam perdidos no cotejo entre o esforço para se envolver em interação física (inclusive interação telefônica) e o valor da comunicação. Sob certas condições, ela pode também criar novos tipos de laços fracos, como nas comunidades de interesse que brotam nela, com destinos variáveis. Redes como SeniorNet, que põe pessoas idosas em contato para a troca instrumental de informação e apoio emocional e pessoal, são características desse tipo de interação. São suportes de laços fracos no sentido de que raramente constroem relações pessoais duradouras. As pessoas se ligam e se desligam da Internet, mudam de interesse, não revelam necessariamente sua identidade (embora não simulem uma diferente), migram para outros padrões on-line. Mas se as conexões específicas não são duradouras, o fluxo permanece, e muitos participantes da rede o utilizam como uma de suas manifestações sociais.

Observações similares poderiam ser feita acerca das várias comunidades on-line estudadas por Steve Jones e colegas. Elas correspondem de fato ao tipo de comunidade virtual que Rheingold popularizou. Mas, diferentemente da comunidade WELL em São Francisco, ou da Nettime na Holanda, as comunidades on-line são em geral efêmeras, e raramente articulam a interação on-line com a interação física. A melhor maneira de compreendê-las é vê-las como redes de sociabilidade, com geometria variável e composição cambiante, segundo a evolução dos interesses dos atores sociais e a forma da própria rede. Em grande medida, o tema em torno do qual a rede on-line é montada define seus participantes. Uma rede on-line de apoio a pacientes de câncer tende a atrair sobretudo pacientes de câncer e seus entes queridos, talvez com a adição de alguns observadores médicos e pesquisadores sociais, mas em geral exclui voyeurs, a não ser os do pior tipo. Contrariando o famoso cartum publicado por *The New Yorker* na pré-história da comunicação on-line, na Internet o melhor que você tem a fazer é mostrar para todo mundo que é um cachorro, não um gato, sob pena de se ver imerso na vida íntima dos gatos. Porque na Internet você é o que diz ser, já que é com base nessa presunção que uma rede de interação social é construída ao longo do tempo.

A Internet parece também desempenhar um papel positivo na manutenção de laços fortes à distância. Já se observou muitas vezes que relações de família, pressionadas pela crescente disparidade das formas de família, pelo



individualismo e, por vezes, pela mobilidade geográfica, estão sendo ajudadas pelo uso do e-mail. Não só o e-mail fornece um instrumento fácil para “estar ali” à distância, como torna mais fácil marcar presença sem se envolver numa interação mais profunda para a qual não se dispõe de energia emocional naquele dia.

Mas o papel mais importante da Internet na estruturação de relações sociais é sua contribuição para o novo padrão de sociabilidade baseado no individualismo. De fato, como Wellman escreve, “redes sociais complexas sempre existiram, mas desenvolvimentos tecnológicos recentes nas comunicações permitiram seu advento como uma forma dominante de organização social” (2001, p.1). Cada vez mais, as pessoas estão organizadas não simplesmente em redes sociais, mas em redes sociais mediadas por computador. Assim, não é a Internet que cria um padrão de individualismo em rede, mas seu desenvolvimento que fornece um suporte material apropriado para a difusão do individualismo em rede como a forma dominante de sociabilidade.

O individualismo em rede é um padrão social, não um acúmulo de indivíduos isolados. O que ocorre é antes que indivíduos montam suas rede, on-line e off-line, com base em seus interesses, valores, afinidades e projetos. Por causa da flexibilidade e do poder de comunicação da Internet, a interação social on-line desempenha crescente papel na organização social como um todo. As redes on-line, quando se estabilizam em sua prática, podem formar comunidades, comunidades virtuais, diferentes das físicas, mas não necessariamente menos intensas ou menos eficazes na criação de laços e na mobilização. Além disso, o que observamos em nossas sociedades é o desenvolvimento de uma comunicação híbrida que reúne lugar físico e ciber lugar (para usar a terminologia de Wellman) para atuar como suporte material do individualismo em rede.

Assim, para mencionar apenas um dos muitos estudos que corroboram esse padrão de interação entre redes on-line e off-line, a investigação conduzida por Gustavo Cardoso (1998) na PT-net, uma das primeiras comunidades virtuais em português, mostrou estreita interação entre sociabilidade on-line e off-line, cada qual em seu próprio ritmo, e com suas características específicas, formando contudo um processo social indissolúvel. Como Cardoso relata: “Estamos na presença de uma nova noção de espaço, em que físico e virtual se influenciam um ao outro, lançando as



bases para a emergência de novas formas de socialização, novos estilos de vida e novas formas de organização social” (1998, p.116).

Vivienne Waller (2000) mostrou o papel da Internet no desenvolvimento de novas formas de vida familiar individualizada em seu estudo pioneiro sobre usos domésticos da Internet em Canberra. Ela tomou por base os resultados do Internet and American Life Project (2000) do Pew Institute segundo os quais os americanos usam com frequência a Internet para “celebrar” a família: um terço deles usou-a para procurar um parente perdido, mais de 50% usaram-na para aumentar o contato com membros da família e muitos exibem informação sobre suas famílias em suas páginas na web. De fato, um americano em dez tinha algum parente que criara um website da família. Mas, tendo estabelecido a relevância da Internet nas relações familiares, tanto nos Estados Unidos quanto na Austrália, Waller vai além para sustentar que a Internet está sendo usada para redefinir as relações de família numa sociedade em que as pessoas estão experimentando novas formações familiares. Mostra como o e-mail permitiu a muitos realizar o que chama de “famílias de escolha”, incorporando à vida cotidiana da família estranhos conhecidos via Internet, ou com quem o contato foi desenvolvido ou enriquecido por uma interação baseada na Internet durante um período. Assim, a prática do individualismo em rede pode estar redefinindo as fronteiras e o significado de instituições tradicionais de sociabilidade, como a família.

Em outros casos, essas redes on-line tornam-se formas de “comunidades especializadas”, isto é, formas de sociabilidade construídas em torno de interesses específicos. Como as pessoas podem facilmente pertencer a várias dessas redes, os indivíduos tendem a desenvolver seus “portfólios de sociabilidade”, investindo diferencialmente, em diferentes momentos, em várias redes com barreiras de ingresso e custos de oportunidade baixos. Disso decorre, por um lado, extrema flexibilidade na expressão da sociabilidade, à medida que indivíduos constroem e reconstroem suas formas de interação social. Por outro lado, o nível relativamente baixo de compromisso pode gerar certa fragilidade das formas de apoio social. No nível societário, embora alguns observadores celebrem a diversidade, a pluralidade e a escolha, Putnam teme a “ciberbalcanização” como uma maneira de acentuar a dissolução de instituições sociais e o declínio do engajamento cívico.

Novos desenvolvimentos tecnológicos parecem aumentar as chances de o

individualismo em rede se tornar a forma dominante de sociabilidade. O crescente fluxo de estudos sobre os usos dos telefones móveis parece indicar que a telefonia celular adequa-se a um padrão social organizado em torno de “comunidades de escolha” e interação individualizada, fundado na seleção do tempo, do lugar e dos parceiros da interação (Kopomaa, 2000; Nafus e Tracey, 2000). O desenvolvimento projetado da Internet sem fio amplia as chances da interconexão personalizada para uma ampla série de situações sociais, dando assim aos indivíduos maior capacidade de reconstruir estruturas de sociabilidade de baixo para cima.

Essas tendências equivalem ao triunfo do indivíduo, embora os custos para a sociedade ainda sejam obscuros. A menos que consideremos que indivíduos estão de fato reconstruindo o padrão da interação social, com a ajuda de novos recursos tecnológicos, para criar uma nova forma de sociedade: a sociedade de rede.

## Links de leitura

ANDERSON, Ben e Tracey, Karina (2001) “Digital living: the impact (or otherwise) of the Internet on everyday life”, relatório de pesquisa inédito, Ipswich, Suffolk, Adastral Park: BTaxCT Research.

\_\_\_\_\_, McWilliam, Anabel; Lacohee, Hazel; Clueas, Eileen e Gershuny, Jay (1999) “Family life in the digital home: domestic telecommunication at the end of the twentieth century,” *BT Technology Journal*, 17 (1), p.85-97.

BARLOW, John Perry (1995) “What are we doing on-line?”, *Harper*, agosto.

BAYM, Nancy (1998) “The emergence of on-line community” em Steve Jones (org.), *Cybersociety 2.0: Revisiting Computer Mediated Communication and Community*, p.35-68. Thousand Oaks, CA: Sage.

CARDOSO, Gustavo (1998) *Para uma sociologia do ciberespaço: comunidades virtuais em português*. Oeiras, Portugal: Celta Editora.

CARNOY, Martin (2000) *Sustaining the New Economy: Work, Family and Community in the Information Age*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

CASTELLS, Manuel (1983) *The City and the Grassroots*. Berkeley, CA: